

# A experiência brasileira de Helder Proença: traços poéticos e confluências culturais

*The Brazilian experience Helder Proença: poetic traits and  
cultural confluences*

Alfeu Sparemberger  
Raissa Cardoso Amaral  
UFPEL

**Resumo:** Este artigo realiza uma primeira abordagem dos fragmentos de poesia e prosa poética escritos no Brasil pelo poeta guineense Helder Proença (1956-2009), autor de *Não posso adiar a palavra* (1982). O contato do autor com a poesia brasileira, principalmente a obra de Ferreira Gullar, representa um salto qualitativo no tratamento da mensagem literária capaz de atribuir novos sentidos aos registros da realidade brasileira e do momento difícil da “reconstrução nacional” na Guiné-Bissau pós-independência.

**Palavras-chave:** Relações Literárias. Guiné-Bissau. Poesia. Helder Proença.

**Abstract:** *This article presents an initial analysis of fragments of poetry and poetic prose written in Brazil by Guinean poet Helder Proença (1956-2009), author of Não posso adiar a palavra (1982). The publisher's contact with Brazilian poetry, especially the work of Ferreira Gullar represents a qualitative leap in the treatment of literary message able to assign new meanings to the records of the Brazilian reality and the difficult moment of "national reconstruction" in Guinea-Bissau post-independence.*

**Keywords:** *Literary Relations. Guinea Bissau. Poetry. Helder Proença.*

## Considerações iniciais

Os ventos, os montes, a dureza da vida, o movimento precipitado de tudo, até das horas, a inquietude brutal da chuva fria que cai sobre estas calçadas torturadas e infestadas de cadáveres, os sertões que gritam os Índios - raízes desta terra vermelha -, o Amazonas e todo o nordeste ameaçado, agora fazem parte de mim; e as minhas palavras já não são mais do que a voz asfíxiada do asmático que golpeia o ar e profana a morte procurando viver mais um dia, para cheirar as flores e beijar a liberdade (PROENÇA, 1987, p. 399-400).

O contributo e a importância da obra de Helder Proença para a poesia da Guiné-Bissau são incontestes, a despeito de as circunstâncias históricas determinarem muito de seus temas e da própria audiência. Antes de tudo é testemunho de uma época histórica e agente definidor de uma

literatura nacional, no momento exato de seu nascimento e do ingresso de outras vozes e latitudes nos circuitos literários. Partilha com elas o registro das lutas contra as formas de dominação estrangeira - daí sua dimensão universalizante -e, ao mesmo tempo, configura a memória literária do país, construído de todo um patrimônio cultural em espaço sem tradição e sem um arquivo consolidado no campo da educação e da produção artística.

O autor abandonou a literatura e dedicou-se inteiramente à política, num país de modelos governamentais de exceção, de que Hélder Proença fez parte, e difícil superação do legado colonial(ista). Registrou a euforia e a disforia, capturando, em textos escritos no Brasil e na Guiné-Bissau, os sinais da falência do projeto revolucionário. O contato com a literatura brasileira, principalmente com a obra de Ferreira Gullar, contribuiu para um salto qualitativo na fatura da mensagem poética, enriquecendo a compreensão de um processo histórico sacralizado, inicialmente, e depois gerador de desilusão.

## **Vida e obra de Hélder Proença**

Hélder Magno Proença Mendes Tavares, ou apenas Hélder Proença, nasceu em Bolama, na Guiné-Bissau, que se tornou independente oficialmente de Portugal em 1975. Estudou no Liceu de Bissau e, nos anos 70, abandonou os estudos para se envolver com a guerra pela independência promovida pelo Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), liderado por Amílcar Cabral. Após a independência retornou a Bissau, dando continuidade aos estudos. Foi o responsável pelo setor de educação na região de Bolama e professor de História (da Guiné e de Cabo Verde) e ainda de Formação Militar no Liceu Kwane Nkrumah, na capital, Bissau.

Entre 1979 e 1980 esteve no Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Recife), frequentando, como estagiário, um curso de Planificação Regional na Fundação Getúlio Vargas. Ao retornar à Guiné, em 1980, passou a trabalhar no Departamento de Informação, Propaganda e Cultura do PAIGC. Foi eleito deputado para a Assembleia Nacional Popular e, em 1986, ingressou no Comitê Central. Além de deputado, exerceu diversos cargos no governo, inclusive o de ministro da Defesa, até, pelo menos, 2006.

Em junho de 2009 Hélder foi assassinado numa emboscada militar quando viajava do Senegal, onde residia, para Bissau. O motivo do assassinato está centrado numa presumível responsabilidade pela articulação de um golpe de Estado. A morte de Hélder Proença foi

anunciada após o assassinato de Baciro Dabó (ministro da Administração Territorial), candidato às presidenciais, em 28 de junho (2009) e antigo aliado do ex-presidente Nino Vieira, assassinado em março do mesmo ano. Proença foi morto, juntamente com seus seguranças e motorista, após uma troca de tiros com uma força do governo que o prenderia. Outras versões, que não exploraremos aqui, são apontadas, o que revela uma complicada trama pelo poder neste pequeno país da África ocidental e também a multiplicidade de narrativas que se pode articular em torno de fatos históricos e políticos.

O nome de Hélder Proença é central na poesia guineense no período que vai de 1977 a 1992 quando, como o fez Vasco Cabral (autor de *A luta é a minha primavera*, 1981, livro de poemas), parou de produzir poesia, dedicando-se à política. Isso porque, das sete antologias publicadas no período, Hélder só não aparece em *Poílão* (1973), *Os continuadores da revolução e a recordação do passado recente* (1979) e *Kebur* (1996). Ele foi incluído em antologias brasileiras (Barbosa, 1988 e Secco, 1999). Na primeira coletânea pós-independência, *Mantêhas para quem luta!* (1977), ele “não só participa com cinco poemas em português, como também é coorganizador e coprefaciador, juntamente com Tony Tcheca e José Carlos Schwartz” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 102).

A colaboração de Proença consta dos poemas “Aos que tombaram em Pindjiguiti”, “África”, “Mãe”, “Escreverei mais um poema” e “O meu poema deixará de ser um simples poema”. O *status* de “principal representante da literatura do país” confirma-se na coletânea seguinte, *Antologia dos jovens poetas – momentos primeiros da construção* (1978), em que assina a “Introdução” e participa como poemas em português e um em crioulo. Em português aparecem “Ansiosamente esperamos”, “Juramento”, “Esperança” e “A nossa vontade” e em crioulo o texto “Ér i ér...”. Hélder é, ainda, o mais representado, com 28 poemas, na *Antologia poética da Guiné-Bissau* (1990), organizada por Manuel Ferreira que, no prefácio, afirmou:

A sua poesia diversifica-se pela representação da saga heróica até à expressão do amor, neste caso como no “Canto à mulher amada”. Mas nutre-se também das referências vivas da tradição cultural, das origens vivificadoras, embora não se mostre muito preocupado em olhar-se debruçado sobre o passado, saudosamente. Mas não enjeita a expressão da nostalgia, do desassossego da partida; ou a utilização dos elementos cósmicos, tal como a chuva, convocada para a sagração dos signos da fertilidade. Enfim, os sinais disfóricos das promessas incumpridas e os sinais eufóricos dos sonhos renovados. Ou o pranto, “rugoso pranto”, ou o louvor ao gesto amoroso, a apetência do corpo (...). É ainda a alegria do silêncio e da morte e o culto metalinguístico da poesia que é “brisa”, “nebulosa”, “melodia eufórica da selva” ou “o lago que a sede do meu corpo refresca” (FERREIRA, 1990, p. 21).

A participação derradeira, indicativa do abandono da literatura por parte de Helder Proença, encontra-se na reprodução do poema “O baque do pranto em dez poemas com terra e lágrimas”, na antologia *O eco do pranto – a criança na moderna poesia guineense* (1992), organizada por Leopoldo Amado e António Soares Lopes (Tony Tcheca). Na abertura, Leopoldo Amado recorda que a poesia guineense começa a ultrapassar o “eufórico exclusivismo da temática revolucionária” em nome de uma “marcada tendência de renovação de temas e estilos”, a que não é alheia a preocupação com um “certo aperfeiçoamento estético-literário” (AMADO, 1992, p.11).

A obra individual de Proença *Não posso adiar a palavra* (1982) contém 31 poemas distribuídos em três seções: “As trincheiras também cantam, amor”, “Entre mim e o canto – a poesia” e “Vem, Pátria, nesta proposta do amanhecer”. O título foi extraído do poema “Canto a Sundiata”, último poema da segunda seção, dedicado ao imperador do Mali (séculos 12 – 13) sob a forma de “Digo-te não posso adiar a palavra, Sundiata se pequei contra ti e porque não Amem e Aleluia subscrevendo (...) E digo-te, Sundiata canta flor mas fita bem Porque esta é a noite do perfume sorriso brotando” (PROENÇA, 1982, p. 61).

Segundo Manuel Ferreira, o texto é construído a partir do concreto e da atualidade histórica da Guiné-Bissau. Três forças coordenam aquela dupla movimentação: a memória está presa ao passado recente, os olhos estão fixos no presente e o pensamento está dirigido ao futuro. Esta temporalidade triádica revela um sujeito construtor de um “registro convergente: a libertação nacional, a reconstrução nacional e o amanhã da eficácia revolucionária” (FERREIRA, 1982, p. 6). A temática é plural, em vários passos afirmando a “guineidade” crioula ou mestiça, em discursos também variados, da exortação ao da solidariedade e o do compromisso político e ideológico com a pátria, por via da evocação da Mãe-África. Trata-se, portanto, de poesia em consonância com a revolução, enunciada do interior do processo revolucionário compreendido como “totalidade histórica”. Para o crítico, o livro de Helder Proença

Traça a viagem desde a luta pela conquista da “luz da liberdade!” até ao momento presente. Desde os tempos da dominação colonial até aos nossos dias. Texto de disforia e euforia. Texto do tempo da angústia, de opressão e texto do tempo da alegria. Transição da sombra para a luz, passagem da opressão para a libertação. Mas há um espaço dominante que percorre o texto de ponta a ponta – a esperança: ou, melhor, a certeza (FERREIRA, 1982, p. 7-8).



Nesse livro, “Gullar reencontra o seu tom, aquele timbre seco e descarnado dos primeiro poemas”, da voz que se “insurgiu contra o academicismo em que se congelou a Geração de 45” (JUNQUEIRA, 2008, p. 77). Engajamento, participação e cromatismo são recuperados nesta obra que antecede o *Poema sijo* (1975), culminância com o melhor da função da memória em sua obra. Este é, como lembrou Manuel Ferreira, um dos móveis da poesia de Helder Proença: elaborar uma memória do passado colonial, da revolução, construir o registro de um tempo que não pode ser obliterado.

O ceticismo presente no poema “Praia do Caju” não é menos matéria da obra do poeta guineense. Daí que, na terceira seção referida, a semântica dobra-se nos termos da “vontade”, do que foi “ansiosamente esperado”, a lembrança dos “minutos consumidos”, as homenagens aos que tombaram na “longa marcha”. A relação entre as obras, que ocorre no plano da homenagem, é também intertextual – por intermédio da citação – e intercultural, na percepção das condições sociais e econômicas em torno do “subdesenvolvimento anacrônico”, como expresso por Helder Proença, e concernente à realidade dos dois países.

## **A experiência brasileira de Helder Proença e o retorno à Guiné-Bissau**

No período em que permaneceu no Brasil Helder Proença produziu um conjunto de textos – poesia e prosa poética – em torno basicamente de dois eixos: a realidade brasileira com todas as suas contradições e a saudade da Guiné-Bissau, em textos que registram seu retorno à África e o desalento pela (quase) falência do projeto revolucionário, quando afirma: “É doloroso dizer.../ Mas não tivemos tempo de respirar/ O hálito das manhã sonhadas”. Aqui, ele ocupou um

observatório privilegiado: olhou o espetáculo do Rio de Janeiro à sua volta, amargou a saudade de sua terra (...), solidarizou-se com os pobres à margem do luxo brasileiro (...), odiou o capitalismo selvagem, refletiu muito no seu povo e quando voltou à terra, sentiu com crueza as dificuldades da Guiné-Bissau (MEDINA, 1987, p. 392).

A dura realidade brasileira e suas escancaradas contradições constituem matéria bruta em poemas de desgosto, amargor e perplexidade: um Brasil que “poderia ser muito diferente”. Tanto no plano semântico quanto sintático a “presença” do Brasil é marcante nos seus textos pela incorporação desta realidade na fatura poética, como se lê nas seguintes estrofes:

Foi desde ontem  
que as madrugadas  
começaram a abortar sangue  
e as criança nasceram trombadinhas  
caminhando como abutres nestas ruas  
que sangram, meu amor!

Foi desde ontem,  
há quase mil séculos,  
que a fome alvoroça de pé  
os morros foram legalmente considerados  
profanos e assassinos  
e as flores que ali brilham  
são de um negro pólen  
de um odor azul e fétido  
e as pétalas são cadáveres humanos  
nestes morros, meu amor!  
(PROENÇA *apud* MEDINA, 1987, p. 397).

A condição de poeta engajado e participante, vindo de um país com projeto socialista, conduz o enunciador a relevar a brutalidade, a desumanidade, a censura, etc., enfim, a ordem social “monopolista”, produtora da desigualdade social. Neste âmbito, a denúncia da fome é marcante, tanto relativamente ao Brasil quanto, principalmente, à Guiné-Bissau. A marca participante faz do poeta um ser plural em nome da multidão – o povo, a pátria e a humanidade. A transmissão de um sentimento coletivo comanda o ato poético rumo ao gesto solidário. Após transcrever e comentar parte de uma crônica de Vinicius de Moraes sobre a Praia do Pinho, Hélder arremata com estas palavras:

- Meu amor, é assim mesmo que as coisas se movimentam aqui. E dizem que a gente da classe da fome ou é sexo puro – mulata sensual –, assassino nato, bicha corrupta ou mendigo indesejável e preguiçoso. Mas esta gente, meu amor, são a maioria da população desta nação espezinhada (PROENÇA *apud* MEDINA, 1987, p. 399).

Do confronto entre os problemas desses dois países – a selvageria brasileira e a fome na Guiné, “ante-sala da civilização” – o engajamento clama pela solidariedade de, afinal, contextos históricos, sociais e culturais similares, de uma mesma ecologia social, e clama pela “ressurreição” da vida e do canto, aspiração por um mundo redimido, já numa articulação afro-americana, de ajuste do tempo histórico:

Brasil meu irmão  
América companheira,  
acumula

o caudal  
de todo o teu pacífico sul  
acumula  
esta firmeza da voz e acção  
e Caminha! (...)

Esta é a hora exacta  
de juntos brindarmos  
porque milhões de Homens  
- nossa Pátria imensa –  
já ergueram  
o cálice sangrento  
da luta. (...)

América companheira  
Brasil meu irmão,  
esta é a hora exacta  
de caminhar  
de braços dados com a história;  
Canta  
sobre as vertigens das horas  
e a terra acumulará a  
voz rubra  
da tua mensagem  
(PROENÇA *apud* MEDINA, 1987, p. 400-402).

No final da década de 70 a Guiné-Bissau mergulhou numa profunda crise econômica, decorrente de um conjunto de situações desfavoráveis: a seca que afetou a agricultura, “o reflexo da crise petrolífera mundial da primeira metade da década e a irregularidade na importação dos bens de primeira necessidade” (BOCK, 2015 [2009], p. 15). A este cenário junta-se o das vicissitudes políticas com o golpe de Estado liderado por João Bernardo Vieira (Nino), destituindo Luís Cabral.

O projeto da unidade Guiné-Bissau - Cabo Verde, acalentado por Amílcar Cabral, deixou de existir. A crise do Estado-Nação, que culminou com o chamado “Movimento Reajustador”, terminou por inaugurar “um novo discurso nacionalista que reivindicava uma cultura guineense autêntica, uma volta às tradições” (AUGEL, 2007, p. 180), em contraste com o período anterior, em que a união da Guiné com o arquipélago constituía a base das lutas de libertação nacional.

Este é o quadro que Hélder Proença encontra em seu retorno e constitui a matéria central da parte derradeira dos “fragmentos de ficção e poesia”, mas é também um quadro propício para os “desvios” éticos no trato político. Nessa época, recorde-se, são lançados megaprojetos públicos com dinheiro externo, mas mal planejados e ainda pior executados, completamente deslocados das condições materiais e de infraestrutura da Guiné, daí uma total falta de

efetividade. Num registro próximo ao do ensaio e da presença de interlocutor, a análise da realidade é contundente:

- Iniciámos a construção do país há seis anos: criámos Armazéns do povo, comprámos indústrias fora de moda, desmedidas, cínicas e solitárias: criámos o Cumeré sob a capa multinacional do Capital; apossámos assim a monocultura, aliás, estamos sob a eminência do êxodo rural, da descalcificação da terra até a medula. (...) A queimada substituiu a tecnologia intermédia, aliás, dispensadas. (...) Os braços nutridos à medida da subnutrição, arrancam arroz, sob os pântanos do Sul. Inventam-se colas e laranjas sobre as planícies de Tombali. Atrofiamos o circuito de distribuição. E, sadicamente construímos discursos sobre a autossuficiência alimentar. Mobilizámos as esperanças para a importação. E os barcos doutros mares, viraram deuses. Mobilizámos contra a fome, a cortesia da armada naval, como se da outra face das bombas lançadas sobre Hiroshima e Vietnam, estivessem a misericórdia ou o milagre do desenvolvimento (MEDINA, 1987, p. 403).

Hélder Proença avalia a realidade que encontra como a confirmação de um “processo traído”, um Estado antitético ao colonial que não sanou as dificuldades de um país independente num momento de crise internacional, ao contrário, fez emergir conflitos e desigualdades classistas, viu afundar o instável equilíbrio entre a tradições e as normas modernas.

Em diálogo com o camarada M’barim, desfia a decepção por não encontrar “a esperança insipiente que eu deixara nascer”. Pela poesia, desmistificando a palavra, expõe a miséria dos dias vividos e almeja deixar “acesa a esperança de criar novas alternativas de vida para N’dira aliás para a nova geração”. A palavra mote para o poema que escreve é “tijolo”.

A opção por um objeto não surpreende, considerando o contato com a poesia de Ferreira Gullar, no limite entre o materialismo e a metafísica, fronteira instável e oscilatória entre o sujeito e o objeto. Inicialmente descritivo, tendente ao cromático, o poema afirma que o “tijolo” não pode dizer do subdesenvolvimento – aspecto da dinâmica social – e ruma para a associação com o humano e o componente político: “uma casa”, uma “Pátria”, “uma criança” ou um “projeto político”. O eu enunciador encerra o poema reafirmando a materialidade objetual e o quanto ele se descola dos projetos humanos:

Mas tu és  
um tijolo concreto  
feito em Bandim  
dentro de um forno  
a preço do fogo...  
e és, também, antes de mais, e para que saibas,  
uma contrapartida da arte política.

É assim  
 crime, por isso  
 chamar-te  
  
 pálido!  
 é desumano seres réu na poesia:  
 - tu não tens a culpa –  
 de seres  
 pálido  
 amargo  
 frágil....  
 como as horas que vivemos!  
 (PROENÇA *apud* MEDINA, 1987, p. 407).

No último texto da coletânea, “Léxico da fome”, compromisso, engajamento e elaboração poética aparecem solidariamente associados. O salto qualitativo, tanto no tratamento literário da mensagem quanto na “própria mensagem”, é perceptível. A fome, como é tematizada, alcança, para além das implicações orgânicas inerentes, significados na ordem do plano político.

Num primeiro momento a fome está associada, entre outros fatores, à “esperança traída”, a uma “vida confiscada”, ao tempo de vida de um menino que não respirou “o hálito das manhãs sonhadas”, ou não conseguiu ver a beleza cromática da “bandeira hasteada sobre a história conquistada”. Noutro movimento poemático, o texto, com uma série de interrogativas, direciona-se definitivamente para o plano político e histórico, abordando o dado concreto da desigualdade social mantida como contraface do enriquecimento econômico de uma elite com pretensões hegemônicas. Assim temos:

Mas onde estaria a esperança  
 Se aquele menino é fome?  
  
 Nos longos comícios vazios?  
 No perfume azedo das concubinas?  
 Nos acordos bilaterais  
 Da casta política? (PROENÇA *apud* MEDINA, 1987, p. 410).

Para Hélder, os reflexos da crise dos anos 80 já comprometiam o projeto revolucionário e o empenho depositado na tarefa da reconstrução nacional. Afinal, a fome adquire uma conotação política gigantesca, posto que pode ser o “toque da rendição”, o “arrear vergonhoso da bandeira” e, finalmente, a “penosa marcha fúnebre” de toda a Nação ou ainda a “coroa” em nome da “crucificação da História” e igualmente dos “heróis”.

## Breves considerações finais

Escritos na mesma época em que Hélder organizava a publicação de sua obra individual, os fragmentos de poesia e de prosa poética, sob o influxo da poesia brasileira, representam, como já mencionado, não só um salto qualitativo no trabalho com a matéria linguística, mas também um registro qualificado e impiedoso da realidade guineense, com os impasses e as contradições a que chegava o processo revolucionário. O alerta, inclusive, veio de seu colega de antologia, José Carlos Schwartz, cantor, compositor e poeta, ao restringir o elogio aos mortos e aos anônimos, posto que os vivos “ainda podem desmerecer da nossa gratidão” (FERREIRA, 1990, p. 174). De outra parte, este quadro revela um conjunto de condições “ecológicas” de aproximação entre Brasil e Guiné-Bissau (ou a África). São traços antropológicos formadores de uma mesma “ecologia” cultural historicamente construída. A ponte comunicativa aí articulada permite que Hélder Proença nomeie o Brasil de “irmão” e a América de “companheira”. O histórico de aproximação conforma um gesto de solidariedade e de recorrência a modelos culturais reforçados por esquemas ideológicos equivalentes.

## Referências

- AMADO, Leopoldo. “Prefácio – Desabafo poético na hora da renovação”. In: **O eco do pranto – a criança na poesia moderna guineense**. Coord. António Soares Lopes. Ilust. Diamantino Monteiro e Katalã. Lisboa: Inquérito, 1992. p. 11-15.
- ANTOLOGIA DOS JOVENS POETAS – Momentos primeiros da construção**. Bissau: Conselho Nacional de Cultura, 1978.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BOCK, João Augusto. **Segurança alimentar – potencialidade dos recursos na Guiné-Bissau e política alimentar**. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/>>. Tese de Doutoramento. Acesso em: 22 ago. 2015.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Papia – Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau – um país da CPLP**. Brasília: Thesaurus, Universidade de Brasília, n. 20, 2010.
- FERREIRA, Manuel. “Prefácio – Em louvor da esperança.” In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Antologia poética da Guiné-Bissau**. Lisboa: Inquérito, 1990. p. 13-29.
- \_\_\_\_\_. “Introdução – Da circunstância histórica à utilização da palavra”. In: PROENÇA, Hélder. **Não posso adiar a palavra**. Lisboa: Sá da Costa, 1982. p. 3-11.
- GULLAR, Ferreira. **Poesia completa, teatro e prosa**. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- JUNQUEIRA, Ivan. “A luz da palavra suja”. In: GULLAR, Ferreira. **Poesia completa, teatro e prosa**. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 70-87.
- MANTENHAS PARA QUEM LUTA! A nova poesia da Guiné-Bissau**. Bissau: Conselho Nacional de Cultura, 1977.

MATA, Inocência. “A literatura da Guiné-Bissau”. In: LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. p. 353-364.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonha mamana África**. São Paulo: Epopeia; Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

PROENÇA, Hélder. **Não posso adiar a palavra**. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

\_\_\_\_\_. “Fragmentos da ficção e poesia de Hélder Proença”. IN: MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonha mamana África**. São Paulo: Epopeia; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. Pp. 397-411.

**Alfeu Sparemberger**

---

Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2004). Professor do Centro de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado em Literatura Comparada) da Universidade Federal de Pelotas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Cultura Brasileira. Professor Pesquisador. Endereço eletrônico: [alfeu.sparemberger@terra.com.br](mailto:alfeu.sparemberger@terra.com.br)

**Raissa Cardoso Amaral<sup>2</sup>**

---

Mestranda na área de Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, com bolsa CAPES. Graduada no curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pelotas (2014). Atuou como pesquisadora voluntária no projeto de pesquisa “Sistema Literário, História da Literatura e Descolonização nos Países Africanos de Língua (Oficial) Portuguesa” desenvolvido pelo Prof. Dr. Alfeu Sparemberger (2012-2014).  
Endereço eletrônico: [issa.amaral@hotmail.com](mailto:issa.amaral@hotmail.com)

*Enviado em 30 de junho de 2015.*

*Aceito em 20 de janeiro de 2016.*